



# SINODALIDADE: COMUNHÃO E PERTENÇA

Dom Leomar Antônio Brustolin – Arcebispo de Santa Maria – Brasil

## INTRODUÇÃO

O centro de toda nossa experiência de fé é Jesus Cristo. A Igreja recebeu Dele a missão de continuar sua obra salvífica. Sabemos que “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”.<sup>1</sup>

Anunciar o Evangelho é dizer ao mundo que temos uma Boa notícia que a todos atinge e traz grande felicidade. A Boa Notícia é o amor de Deus derramado em nossos corações pela ação de seu Filho Jesus Cristo. O Espírito Santo nos assiste neste caminho e, por isso, somos testemunhas do amor de Deus até os confins da terra (At 1,8).

O modo de Jesus evangelizar deve definir o modo dos seus seguidores realizarem a mesma tarefa em todos os tempos. Ele age sempre como Aquele que serve, disposto a carregar os sofrimentos, os pecados e as incompreensões dos seus irmãos. Ele anuncia a Boa Nova do Reino aos pobres e aos pecadores. Ele chama a todos à mudança de vida de acordo com o que Deus deseja para a humanidade. Ninguém fica excluído de sua mensagem. Ele não se deixa vencer pelo ódio e pela violência.

A forma de Jesus evangelizar se caracteriza pela proximidade com todos, especialmente com aqueles que estão mais distantes e afastados. Ele vai buscar a ovelha perdida e faz festa quando a resgata. (Lc 15,3) Para poder agir assim, Jesus vai ao encontro das pessoas onde elas estão, desce aos lugares mais escuros da injustiça, da discriminação, da avareza, da apatia e onde a dor e o sofrimento chegam ao seu grau mais intenso. Ele ilumina com sua luz essas realidades.

A Boa Nova de Jesus, contudo, sofre resistências. Seu amor nem sempre é correspondido, por isso Ele evangeliza com o perdão. Ele é capaz de amar seus inimigos,

---

<sup>1</sup> CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 29.

rezar por eles e perdoar até mesmo aqueles que o crucificam. Ele evangeliza, enfim, dando a sua vida para que a morte seja vencida, pois “não há maior amor do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

## SINAIS DO NOSSO TEMPO

Passada a pandemia do COVID 19, diante das diversas situações sociais, econômicas, políticas e culturais, que deixam a todos perplexos e inseguros, podemos dizer que vivemos tempos apocalípticos. Tempos reveladores de mudanças que estão acontecendo e desafios aparecem em toda parte. Não são apenas tempo de mudanças, mas mudança do tempo. Algumas mudanças emergências tornaram-se permanentes. Desafios inéditos estão aparecendo e nos interpelando enquanto cristãos.

Nossa sociedade não é uma realidade que se deixar iluminar pelo amor de Cristo, mas a perigosa rede de dominação e manipulação que ameaça a vida e até não se ocupa com o sentido da eternidade. Estamos vivendo profundas mudanças que afetam a todos.

Temos um estilo de vida tão frenético que somos quase impedidos de meditar, refletir e até de rezar como precisamos. Muitas palavras perderam sua força, e nosso mundo se tornou prolixo demais. Somos inundados por uma torrente de palavras vazias. Muitas vezes nos encontramos numa rede de debates, discussões e argumentos que mais nos distraem da verdade e nos fazem cair em radicalismos que são desmascarados pelos fatos.

Nesse contexto, alguns desanimam, outros se acomodam e a maioria assume uma posição sem discernir sobre as questões. Existem cristãos que se adaptam perfeitamente a este tempo e acabam vivendo mais em seu próprio nome do que em nome de Jesus Cristo. Vencer a superficialidade e assumir a proposta do Evangelho tornou-se um ato heroico. Assim, podemos nos questionar: **O que o Espírito Santo está dizendo aos Institutos Seculares nesse contexto?**

Os novos contextos provocam novas posturas. Isso vale para a educação, a vida familiar, a organização social e para cada pessoa. Aparece uma nova relação entre o ser

humano e a realidade terrena. Há um fascínio anestésico em grande parte da humanidade, confiando em caminhos de felicidade passageira e escolhas provisórias

A pandemia desvelou uma enfermidade que, no fundo, é expressão dos nossos estilos de vida. Nossos percursos individualistas já não conseguem equilibrar as pessoas e os contextos que conhecemos. Reclama-se da crise de valores, mas esquece-se das questões comunitárias e públicas, preferindo que cada experiência individual seja eterna enquanto dure.

Esse novo contexto é carregado de incertezas e resistências. Ele gera tristeza e faz crescer a violência e a pobreza. Viver superando tanto a depressão quanto a euforia, a injustiça e a miséria, exige a sabedoria de um projeto de vida pautado pelo Evangelho. Nisso, podemos oferecer uma luz para quem está em busca de sentido para viver e ética para conviver.

## DISCERNIMENTO

Uma nova realidade, entretanto, impele-nos a rever nossos métodos de anunciar a Boa Nova, iniciar na fé e fortalecer o senso de pertença numa comunidade eclesial. Há muitos irmãos e irmãs que nos desafiam a transmitir-lhes a beleza da fé que recebemos das gerações que nos precederam.

Igualmente precisamos examinar como podemos ajudar a sociedade a buscar o bem comum em meio à pluralidade atual. Nossa presença nas questões públicas, sociais e culturais são necessárias. Somos uma voz que pode ajudar, unindo as forças com outras instituições que almejam os mesmos objetivos do humanismo integral e solidário.

A Igreja existe para evangelizar, e nada deve se antepor a essa missão. Tudo o que atrapalha, distrai ou desvia dessa tarefa, há de ser revisado para sermos fiéis a Jesus, Mestre e Senhor. Evangelizar exige também compromisso com a sociedade e o planeta. A Igreja assume sua responsabilidade de trabalhar pela paz, pelo cuidado da Criação e pela justiça social. Evangelizar, portanto, não é uma proposta apenas para as questões internas da Igreja, a missão nos interpela.

## EVANGELIZAR

A Igreja nasce como missão evangelizadora, pois participa da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, conforme o desígnio do Pai. A origem dessa missão é o amor da Santíssima Trindade pelos seus filhos e filhas. A humanidade precisa conhecer e acolher o amor de Deus. Anunciar o Reino: eis a missão. Essa tarefa tem origem e destino na pátria trinitária, no Reino de Deus.

A missão da evangelização é anunciar a Boa notícia do Reino de Deus . Jesus revelou que não somos órfãos, temos um Pai. Ao acolher essa paternidade, somos convocados a responder ao Pai, que nos chama a sermos todos irmãos . A paternidade de Deus nos remete necessariamente à fraternidade.

Para sermos todos irmãos como Deus quer, a missão há de desdobrar sua atenção especialmente sobre aqueles que veem negado os seus direitos de filhos do mesmo Pai. Os pobres, marginalizados e esquecidos da sociedade precisam receber a Boa Nova da paternidade, e a humanidade precisa acolher o sentido concreto da fraternidade.

A missão se faz em palavras e gestos. As obras colaboram com a doutrina, e as palavras devem proclamar as obras. Não há como separar a relação entre fé e vida, culto e ética, amor a Deus e amor aos irmãos. Essa é a missão: anunciar o amor de Deus para todos, especialmente para os que mais sofrem.

Ir ao encontro dos que se afastaram ou não conhecem nossa fé é tarefa primeira de nossas igrejas<sup>2</sup>, e ainda hoje representa o nosso máximo desafio.<sup>3</sup> Não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos,<sup>4</sup> pois a alegria do Evangelho, que dá sentido à vida dos discípulos, é uma alegria missionária.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, n. 34.

<sup>33</sup> *Ibidem*, n. 40.

<sup>4</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 548.

<sup>5</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 20.

## SENSO DE PERTENÇA

A diocese é “uma porção (*portio*) do povo de Deus confiada aos cuidados pastorais de um bispo, coadjuvado pelo presbitério, de modo que, aderindo ao seu pastor, por meio do Evangelho e da Eucaristia, reunida no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica”.<sup>6</sup>

Os elementos essenciais que caracterizam a diocese são: a porção do povo de Deus, o Espírito Santo, o Evangelho, a Eucaristia e a presidência do bispo. Estes elementos não estão todos sob o mesmo plano: o povo de Deus se congrega no Espírito Santo, que é o primeiro edificador, graças ao Evangelho e aos sacramentos, especialmente a Eucaristia, que é o sacramento da unidade, enquanto o bispo está a serviço de todo Corpo Místico de Cristo – a Igreja.

Esses elementos que constituem a diocese expressam que a Igreja Particular é a Igreja de Deus em sentido pleno. A Igreja Particular (diocese), contudo, não é uma realidade separada e tampouco autossuficiente. Inserida na relação de comunhão, a diocese mantém a sua realidade de Igreja ao estabelecer relações com as outras igrejas particulares e com o Papa. Daí o sentido da diocesaneidade, isto é, do senso de pertença a uma igreja diocesana como expressão de toda a Igreja. Cada Igreja é dirigida por um bispo e nenhuma ingerência externa deve lesar os deveres e direitos que lhe competem na relação de comunhão. Nada pode ferir a comunhão da Igreja particular entre si e com a Igreja universal.

## SINODALIDADE

O termo *synodia* (de *syn-odos*) indica *caminho comum*, percorrer junto a mesma estrada, recolher-se junto. Os cristãos, desde suas origens, usavam o termo para indicar a assembleia litúrgica e, sobretudo, a própria Igreja. Para São João Crisóstomo, “a Igreja é nome de convocação e de reunião”. A existência e o desenvolvimento da

---

<sup>6</sup> *Christus Dominus*, n. 11.

sinodalidade é o fruto normal de uma Igreja-comunhão, que é uma fraternidade em Cristo.

A sinodalidade é a capacidade de todos os fiéis de participar, por força de seu Batismo, na vida ativa da Igreja, na edificação do seu Corpo. Significa que cada batizado, sendo membro da comunidade-igreja, se sente participante na atuação do bem comum fundamental da Igreja, que é a comunhão.

Se um Instituto Secular, uma comunidade ou paróquia caminhasse diferente das orientações da Arquidiocese ou da Santa Sé, se configuraria como clube de sócios e não casa de irmãos; poderia formar uma confraria, mas não a reunião de discípulos de Cristo; poderia ser uma equipe de trabalho, mas não uma família de fé que tem como pastores e guias o Papa e os bispos.

O Espírito promove a comunhão, pois ao final, Deus será tudo em todos (1 Cor 15,28). Mesmo que apareçam divergências e opiniões diferentes, o que até é necessário, precisamos manter uma comunhão autêntica, que se expressa no caminhar juntos, sem ressentimentos e sabendo um acolher o outro como membro da mesma família.

A distinção deve nos unir, e não nos separar. A diversidade se afirma no interior da Igreja, de certa forma como nas famílias, onde cada filho tem seus próprios gostos e caráter. A Igreja é a família, é lar, é casa na qual habitamos. A Igreja é plenamente católica quando todos, de diversos modos, se unem na mesma meta: chegar à casa do Pai.

## COMUNIDADES DISCIPULARES – ad intra

O termo comunidade é um conceito que, em si, tem a tendência de valorizar mais a coletividade do que a singularidade. Essa noção se estabelece por fortes e antigos vínculos tribais, pelos quais as pessoas sentiam o pertencimento pelo sangue, pela parentela, ou pela amizade. Essa visão contrasta com uma percepção mais individualista da realidade, presente no mundo latino e herdeira da civilização romana.

O redescobrimento da comunidade é da essência do ser cristão e do ser Igreja. O batizado nasce para Cristo e para a salvação na comunidade e a ela se agrega de modo

ativo. Essas são a forma e a condição de possibilidade para o ser cristão. Sem comunidade não há Cristianismo autêntico. Não existe fé cristã individualista, nem por livre escolha, pois sempre há a mediação do outro, dos outros. A Santíssima Trindade é a mais absoluta inspiração para essa vida comunal e não solitária.

Teologicamente, a palavra comunidade significa a união íntima ou a comunhão das pessoas entre si, e delas com a Santíssima Trindade. A comunhão da comunidade cristã com a Trindade se realiza, fundamentalmente, pelo Batismo e pela Eucaristia. Dessa forma, a comunidade participa da vida divina na partilha da vida fraterna ao comungar na mesma mesa, ao professar a mesma fé recebida dos apóstolos, ao testemunhar a caridade, que revela o amor salvífico de Deus para toda a humanidade.

A comunidade cristã não nasce de baixo, mas do alto, de Deus, que suscita o desejo no coração humano e a necessidade das pessoas de um viver comum em Cristo. Nela se manifesta o mistério da Igreja, e ela é chamada, constantemente, a ser missionária da obra salvífica que Cristo realiza. Ser sinal da salvação neste mundo é a colaboração da comunidade cristã para o advento do Reino de Deus.

Uma comunidade cristã não é um grupo de adeptos ou de sócios, mas sim, de membros de uma família, onde todos podem ser diferentes, mas se sentem profundamente unidos pelo sangue que lhes dá identidade. O que torna alguém membro de uma comunidade é o fato de ser batizado.

A comunidade cristã deve transmitir a fé exercendo sua missão de ENSINAR, deve celebrar a fé, exercendo sua missão de SANTIFICAR, e deve cuidar da vida das pessoas e da Criação, a partir da fé, exercendo sua missão de GOVERNAR (pastorear) como serviço. No atual contexto, em Santa Maria, é urgente envolver mais os leigos e leigas no processo de fortalecer comunidades de discípulos missionários de Jesus Cristo. Nesse sentido, a proposta do Papa Francisco de ministérios leigos é indispensável.

## FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL – ad extra

Os dramas humanos, as angústias e os desafios da humanidade provocam a fé cristã para não fugir do mundo. O Deus que assume a carne humana para a salvação de todos atinge a realidade humana em sua multiforme existência. Assim, o Cristianismo

preocupa-se tanto com as pessoas individualmente, dando-lhes sentido para a existência, quanto com as comunidades e sociedades, com as relações que determinam e legitimam a vida do indivíduo como ser criado para a comunhão e não para a solidão.

A proposta de valorizar a amizade social e a fraternidade está desenvolvida na encíclica *Fratelli Tutti*, assinada pelo Papa Francisco em outubro de 2020. A encíclica propõe a superação da cultura do individualismo pela retomada da fraternidade e destaca o quanto somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis, enquanto partícipes de uma sociedade que tem o desenvolvimento como horizonte principal. Alerta que muito se tem tratado acerca da liberdade dos direitos de igualdade, mas pouco se fala em fraternidade. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nossa meta comum é tomar consciência de que realmente somos todos irmãos, afinal, não somos órfãos, temos um Pai.

No confronto entre a mensagem evangélica e os desafios de cada tempo, não pode haver neutralidade ou indiferença. Todas as formas de exclusão, injustiça, violência e mentira afetam profundamente o ser cristão e, por isso, geram posições e atitudes que desmascaram as forças que desumanizam.

Os cristãos vivem no mundo, mas sabem que sua pátria é o Reino de Deus, contudo, têm consciência de que devem testemunhar o Eterno em meio às realidades terrestres, por isso se comprometem na busca de um mundo mais justo e fraterno, e trabalham por um humanismo integral e solidário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que fazemos e somos tem uma única razão: Deus, mas como Ele nos revelou ser Pai, somos necessariamente irmãos e, por isso, é inseparável uma evangelização com o senso de fraternidade. Sem pai não há irmãos, sem senso de irmandade, há orfandade. Amemos a Deus e ao próximo, eis a síntese de nossa missão evangelizadora.

Diante dos apelos para distrair e anestesiar o sentido da vida e a ética, somos testemunhas do amor, sementes do Reino de Deus. Nossa missão é ajudar as pessoas a abrirem o coração para acolher uma realidade concreta, mas muitas vezes não percebida,



da presença amorosa de Deus em suas vidas. Não se trata de multiplicar atividades, reuniões e compromissos, mas impedir que as pessoas se tornem de tal modo ocupadas que não consigam mais escutar e responder à voz de Cristo, que sempre nos interpela. Somos sempre vocacionados.

Caminhemos juntos, com senso de pertença à Igreja de Deus, com os olhos fixos em Jesus Cristo, vamos assumir nossa missão, que é de permanecermos firmes na fé, proclamando ao mundo a Boa Nova de Jesus. Não tenhamos receio de sermos incompreendidos, como o Crucificado, a vida e a verdade sempre vencem. Sejamos cooperadores dessa verdade que é Cristo.

Quem a Deus tem, nada lhe falta, não sejamos reféns de radicalismos e fanatismos, e tampouco da secularização, da privatização da religião ou de um ateísmo prático. É tempo de sermos menos superficiais e mais místicos, menos polêmicos e mais propositivos na fé, menos mornos e mais revestidos do Espírito, que aquece os corações.

Acompanhe-nos a Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa. Ela nos ensine a escutar a voz de Deus que nos envia sempre anúncios de Vida Nova. Ela nos traga Jesus Cristo, bendito fruto de seu ventre. Ela permaneça conosco em oração, como no Cenáculo, para recebermos a força do Espírito e fazermos tudo o que Jesus nos disser. Amém.

## REFERÊNCIAS

JOÃO PAULO II, *Catecismo da Igreja Católica*, São Paulo / Petrópolis: Loyola / Vozes, Paulinas / Paulus / Ave Maria, 1998.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*: tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

JOÃO PAULO II. *A catequese hoje*: Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1982.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação apostólica do Sumo Pontífice sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.